

Vidas transformadas por causa da educação Com apoio da família, eles deram novos rumos às suas histórias

[G gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2017/09/vidas-transformadas-por-causa-da-educacao-1014098621.html](http://gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2017/09/vidas-transformadas-por-causa-da-educacao-1014098621.html)

Compartilhar: Facebook Twitter LinkedIn Publicado em 10/09/2017 às 07h23 Atualizado em 10/09/2017 às 15h05 Vilmara Fernandes vfernandes@redegazeta.com.br



Com o apoio da mãe, Mariana, e do pai, Valmir Francisco Pereira, Diego se tornou o primeiro garoto de São Pedro a se formar em Medicina

Foto: Carlos Alberto Silva

Mal deixava os cadernos em casa e já corria para a rua. Nem ele ou os amigos pensavam no futuro, mas lá em Galileia, cidadezinha do interior de Minas Gerais, as perspectivas eram mínimas. Sem dinheiro para comprar material escolar e uniforme, a mãe já alertara que a sua vida escolar se encerraria na antiga 4ª série. Seu futuro era fazer bicos e, se desse sorte, garantiria o sonho local: um emprego na fábrica de cerâmica.

Mas a vida mudou os rumos do garotinho. Órfão, veio morar em Vitória. Aqui, foi surpreendido quando anunciou que pararia de estudar, aos 10 anos. “Nem pensar. Eu não tive a oportunidade, mas você vai continuar na escola”, garantiu o irmão mais velho, o pedreiro José Moreira Nunes, sem perder de vista a promessa feita no leito de morte da mãe de que cuidaria do caçula.

A história do garoto, hoje padre Gudialace Silva de Oliveira, 31 anos, se assemelha a de tantos outros que tiveram suas vidas transformadas pelo afincamento de seus familiares, que apostaram firmemente em suas vidas escolares.

Em cenários de pobreza e adversidade, lançaram mão de uma certeza: “Se estudar, sua vida vai mudar”, como fazia questão de afirmar a trabalhadora doméstica Mariana Martins Soares, para seu único filho, Diego Soares

Fernandes. Hoje, segundo a família, aos 27 anos, ele é o primeiro garoto, criado na Grande São Pedro, formado em Medicina.

Essa atitude familiar, segundo Priscila Cruz, presidente-executiva do movimento Todos Pela Educação, é muito comum nos casos bem sucedidos de jovens que conseguiram furar o bloqueio das dificuldades financeiras. “São narrativas frequentes de familiares que valorizam a educação e os professores, que aproveitam o pouco tempo que possuem com os filhos para incentivá-los”, relata.



Padre Gudialace teria parado de estudar aos 10 anos se não fosse apoio do irmão

Foto: Guilherme Ferrari

Para Gudialace esse apoio trouxe, acima de tudo, perspectiva. Mesmo com dificuldades, seu irmão comprou uniforme e material escolar. Na escola, estimulado pelos professores, passou a sonhar com o que não era cultura nem em sua nova comunidade, Nova Rosa da Penha, onde passou a viver com o irmão. “Lá, terminar de estudar era concluir o ensino médio”, conta o padre, se lembrando do garotinho que queria ir além, e pensava em fazer Direito.

Aos doze anos a vocação falou mais alto, sonhava com o seminário. Mas a experiência de pobreza o alertava para ter um segundo plano, caso não fosse aceito, e no terceiro ano tratou de se preparar para o vestibular. Mas a notícia que ele tanto desejava veio: estudaria para padre. Com o passar dos anos, concluiu todas as fases: fez teologia, filosofia e agora conclui comunicação.

Para o padre, ficou uma certeza: “Não fosse a educação que recebi e a presença sempre forte do meu irmão em todas as fases, talvez minha vida fosse outra”, diz, lembrando dos amigos que ficaram pelo caminho, que o tráfico levou e matou.

Uma preocupação que Mariana sempre teve com seu filho. “Nunca escondi nada dele, mas sempre mostrei que haviam dois caminhos: o das drogas e o dos estudos”. Ela, que participou de uma fase de São Pedro que poucos

vivenciaram, orgulha-se de seu filho não ter nascido nas palafitas: “Quando ele veio, eu já tinha conseguido comprar uma casinha.”

Seu filho Diego sempre a acompanhou ao trabalho, onde atuava como doméstica na casa de médicos. O que o influenciou na sua escolha. “Eles nos ajudaram e fui para uma escola particular”, conta o jovem. Mas não foi fácil conviver com alunos que tinham uma outra realidade de vida. “O que mais doía é quando eles faziam as viagens de turma. Eu nunca podia ir, não tinha dinheiro”, diz, lembrando ainda que a mãe chorava escondida a dor do filho.

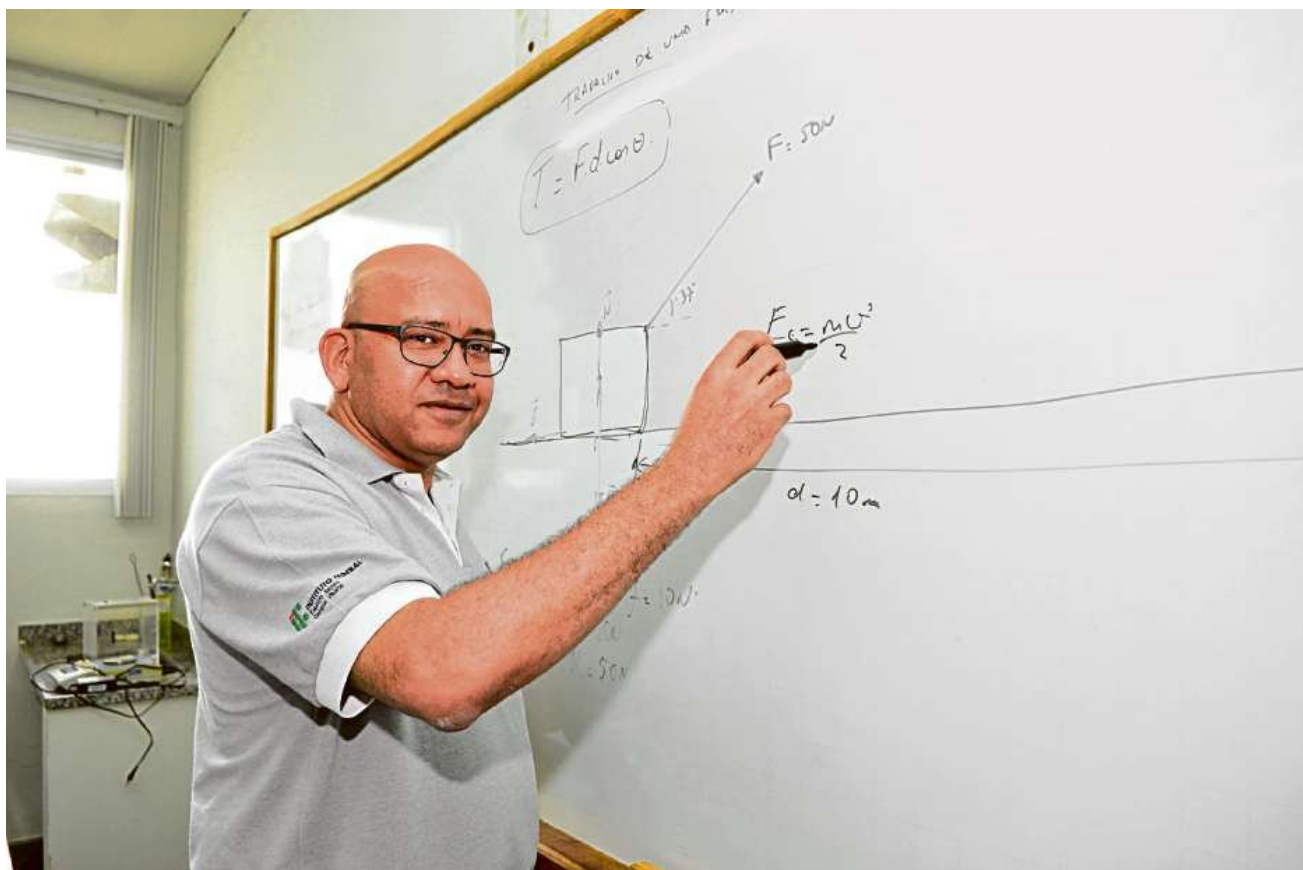
Hoje Diego tem certeza de que tinha grande chance de ser mais um adolescente nas estatísticas de São Pedro, não fosse a oportunidade que recebeu. “A única forma de vencer aquele ciclo de pobreza era pela educação. Muitos amigos não tiveram o mesmo apoio e ficaram pelo caminho. Eu poderia ter sido um deles”, relata.

Médico no interior do Estado, ele agora junta dinheiro para pagar o Fies e ter a oportunidade de fazer a residência. Sonha um dia poder trabalhar no bairro onde foi criado. “Quero retribuir, de alguma forma”, diz o jovem que, todo final de semana, volta para a casa materna, na comunidade da qual tanto se orgulha.

Padre Gudialace atua hoje na Paróquia Nossa Senhora das Graças, em Coqueiral de Itaparica, Vila Velha. Para ele, o melhor exemplo do quanto a educação pode ser transformadora vem da sua própria família. Depois de vê-lo criado, atuando em uma paróquia, seu irmão mais velho, aos 49 anos, resolveu realizar seu sonho pessoal: queria ser pastor.

Para cumprir sua meta, José Moreira lançou mão do EJA (Educação de Jovens e Adultos) e terminou, no ano passado, o ensino fundamental e o médio. Agora estuda teologia. “A cada resultado de prova ele me ligava, comemorando. É uma vitória saber que ele não abriu mão do sonho, que não desistiu de estudar”.

Até marmita ele levava para a escola



Elias Gonçalves hoje é professor do Ifes

Foto: Guilherme Ferrari

Os corredores que ele percorre hoje, como professor, foram praticamente a sua casa no final da adolescência. Quando fazia o ensino médio na antiga Escola Técnica (agora Ifes), Elias Gonçalves, hoje com 47 anos, precisava sair de casa às 5h30. “E com a marmita, porque tinha que passar o dia todo na escola e o dinheiro era curto. Passagem era só para ir e voltar”, lembra.

A família de três filhos era mantida pelo emprego informal da mãe, que vendia produtos de beleza nas casas, e pelo pai, sucateiro. O incentivo para estudar vinha da mãe, que via na educação uma forma de livrar os filhos da vida difícil. “Durante muito anos moramos à beira do Canal Bigossi, em Vila Velha, num barraco de madeira. Só trocamos de casa quando urbanizaram a região e nos indenizaram”, relata.

O aceno de mudança para a sua vida veio com o convite de um vizinho, que era professor, e que resolveu fazer um pré-técnico. Eram aulas de matemática e português, mas representavam o reforço escolar que o jovem Elias precisava: “Foi o ponto de partida e me ajudou muito a me preparar para a prova.”

Aprovado em Eletrotécnica, tratou de se dedicar. Antes de sair, a mãe preparava a marmita para ele passar o dia na escola, aproveitando tudo o que era oferecido: “Nem sonhava em fazer curso superior, mas os professores estimulavam, a oportunidade apareceu e resolvi tentar Física, na Ufes.” Logo depois da faculdade ele fez um concurso público e, aos 22 anos, voltou para a antiga Escola Técnica, agora como professor. De lá, nunca mais saiu. “Foi desafiante. Desde então fiz pós-graduação e mestrado”, conta.

Ela foi até ajudante de pedreiro



Helen é juíza e trabalha na quarta vara criminal

Foto: Marcelo Prest

Quem vê a juíza Helen Mable Carreço Almeida, 40 anos, nas audiências da Justiça do Trabalho, não imagina que na adolescência ela lavava roupa e foi até ajudante de pedreiro. “Fazia o que era possível na obra do vizinho e recebia um valor por dia. Com ele comprava vale transporte ou ajudava em casa”, relata.

Vinda de família humilde – a mãe passava dias e noites costurando para sustentar os dois filhos –, ela estudou em escolas públicas. “Ela sempre apoiava, mas nem precisava me cobrar, pois sempre tive a noção de que se não estudasse, minha vida não mudaria”, conta, lembrando que chegou a ler um livro por dia.

A jovem recebeu o apoio não só da família, mas também dos amigos, que emprestavam apostila e até material escolar. “Para fazer a prova da antiga escola técnica, estudei em casa, com uma amiga”, diz, lembrando que o mesmo aconteceu quando decidiu fazer vestibular para Direito.

Em meio a tanta dificuldade, sem dinheiro até para lanche, não havia espaço para sonhar com seu futuro. “Não imaginava onde chegaria. Fui vivendo as etapas, sempre estudando muito”, relata, acrescentando que poucos amigos de sua época chegaram à faculdade. Hoje tenta ensinar aos dois filhos e a crianças que visitam a Justiça do Trabalho que é preciso se dedicar aos estudos. “E mais: é possível, e é preciso, lutar para as coisas acontecerem”.

Educação melhora a qualidade de vida

A educação tem o potencial de melhorar a qualidade de vida das pessoas, assinala Priscila Cruz, diretora-presidente do movimento Todos pela Educação. Um exemplo vem da renda, relata ela, citando pesquisa da **Fundação Getúlio Vargas (FGV)** que aponta que a cada ano a mais de escolaridade o rendimento de um trabalhador pode aumentar em 15%. “Outro exemplo é o aumento da empregabilidade. Hoje o mercado está muito exigente, até para o cargo de gari é pedido ensino médio”, destaca.

Estudos mostram ainda que a cada três anos a mais de escolaridade média, um país pode ter um crescimento de mais de 1% de seu Produto Interno Bruto (PIB).

Os reflexos podem ainda ser sentidos na saúde. Uma mãe alfabetizada, segundo estudo da Unesco, reduz em 50% as chances da criança morrer antes dos dois anos. “Ela consegue entender as explicações do médico, ou posto de saúde, pode ler a bulas, as receitas, cuida melhor de seu filho” acrescenta Priscila.

Já há pesquisas que afirmam que a educação tem até efeito no nível de felicidade. “Você aprende a desfrutar a vida porque conhece as coisas, aprecia a arte; a leitura; os fenômenos científicos, porque os entende. Isto amplia a qualidade de vida, permite que a pessoa se sinta mais feliz”, explica Priscila.

Reflexos

Renda

Um ano a mais de escolaridade aumenta em 15% a renda de um brasileiro. Se a pessoa faz uma faculdade, o impacto é de 47% mais renda.

Saúde

Estudo da Unesco revela impactos na saúde. A alfabetização das mães pode reduzir pela metade o risco de crianças morrerem nos primeiros anos de vida.

Gravidez

Estudo da ONU revelou que 10 anos é a idade crucial para o desenvolvimento das meninas. A frequência à escola pode ajudar a evitar que engravidem cedo.

Salário

Dentre a população de 25 anos ou mais, os alfabetizados ganham 3,94 vezes o salário de quem se autodeclara analfabeto.

Temas relacionados:

[Ver comentários](#)